

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 23/05/2026** | **aceito: 26/05/2026** | **publicação: 29/05/2026**

A realidade extraviada

The misplaced reality

La realidad equivocada

Jaqueline dos Santos Nascimento¹

Mirella Bezerra da Silva Porciúncula²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o conto "A máquina extraviada", de José J. Veiga, destacando algumas características da literatura fantástica, com enfoque no realismo fantástico ou no realismo mágico. A partir dessa análise, busca-se compreender como a inserção de um elemento insólito – a máquina – no cotidiano funciona como um mecanismo de crítica social. Assim, o estudo evidencia o papel do fantástico como instrumento de reflexão sobre a sociedade e suas contradições.

PALAVRAS-CHAVE: Realismo fantástico. José J. Veiga. A máquina extraviada.

1. Introdução

O ser humano sempre conviveu e convive com fenômenos que nem sempre são explicáveis pelas leis naturais. Tais fenômenos foram e são motivo de intrigamento para diversas sociedades e culturas. O homem sente a necessidade de buscar explicações para o que não consegue entender e, por isso, recorre às histórias: lendas, contos, relatos etc.

Algumas dessas histórias afloram na mente do ser humano, são preservadas ao longo do tempo e se tornam imortais. Recorrendo aos mitos gregos, podemos citar o mito de Hércules; a China tem seus dragões; e o Brasil com seus mitos folclóricos: a Iara, o Saci-Pererê, a Caipora, a Mula sem-cabeça, o Curupira, o Boto, etc., que foram preservados por parte da população brasileira. Todas estas histórias são marcadas por acontecimentos sobrenaturais, inexplicáveis.

Sendo tais histórias tão presentes nas culturas e na literatura, não podemos deixar de

¹ Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe – UFS
Mestra em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Sergipe – UFS.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Graduada em Publicidade pelo Centro Universitário Tiradentes - UNIT

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 23/05/2026** | **aceito: 26/05/2026** | **publicação: 29/05/2026**

lado as temáticas que envolvem os mistérios que permeiam o imaginário humano. Há inúmeros romances e contos que abordam a questão do inexplicável. Para analisar essa linha teórica, temos, na teoria literária moderna, uma vertente de análise e reflexão sobre o tema: a literatura fantástica.

Portanto, este artigo pretende apresentar, de forma breve, algumas características do gênero fantástico, mais especificamente, o realismo fantástico ou o realismo mágico. Para isso, foi necessário traçar um recorte, uma vez que, apesar de ser um gênero pouco conhecido, há uma vasta produção nessa área da literatura fantástica, com autores como José J. Veiga, José Saramago, Murilo Rubião, José Luís Borges, Gabriel García Márquez e Julio Cortázar. Dessa forma, nosso estudo terá como foco o autor José J. Veiga, mais especificamente, uma análise do conto "A máquina extraviada", em que, ao introduzir um elemento insólito no cotidiano de uma pequena comunidade — a máquina — sem fornecer explicações sobre sua origem ou função, traça-se uma crítica social à imposição de tecnologias sem serventia que em nada agregam a determinadas populações.

2. O fantástico e o realismo fantástico

A origem do gênero fantástico foi marcada pela exploração do medo e do susto, porém, ao longo dos séculos, foi se transformando. Segundo Rezende (2008):

A partir do século XVIII, a Literatura Fantástica foi associada às obras que possuíam uma temática ligada aos 'fantasmas' e aos 'seres sobrenaturais'. No final do século XIX, essa definição de fantástico se dá aos temas ligados ao 'horror' e ao 'medo' que essas narrativas causavam no leitor. Nas primeiras décadas do século XX, as definições sobre esse gênero se multiplicam, com os termos 'fantástico', 'sobrenatural', 'maravilhoso', 'estranho' e 'de horror', que se confundem, sem uma caracterização que fizesse a distinção entre eles e diferenciasse os tipos. (REZENDE, 2008, p. 25)

Porém, com o passar do tempo, foram sendo feitas distinções. CASTEX (1951), por exemplo, apresenta a distinção entre o fantástico e o maravilhoso:

O Fantástico não se confunde com a fabulação convencional dos relatos mitológicos ou de fadas, que implica a expatriação do espírito. Ele se caracteriza, ao contrário, por uma intrusão brutal do mistério na vida real: geralmente é ligado aos estados mórbidos da consciência que, nos fenômenos do pesadelo ou do delírio, projeta diante de si as imagens de suas angústias e de seus terrores. (CASTEX, 1951, p. 08)

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 23/05/2026 | aceito: 26/05/2026 | publicação: 29/05/2026

O autor faz a distinção por meio da comparação entre o fantástico e o maravilhoso. A definição – intrusão brutal do mistério na vida real – é de suma importância, visto que constitui a base para todas as definições de fantástico que surgiram depois deste autor.

Inicialmente, segundo as teorias estudadas, os acontecimentos fantásticos deveriam ser de ordem do impossível, do inexplicável, segundo a lei natural das coisas, isto é, que fogem ou rompem com a realidade. Como também deveria ser percebido que este acontecimento incomum, para que pudesse representar algo impossível, pertencesse a um quadro realista na narrativa, ou seja, seria preciso que fosse aceito como realidade, de modo que houvesse coerência interna com o que é narrado.

Tal perspectiva foi se transformando até chegar ao século XX, assumindo uma narrativa mais sutil. Volobuef (2000, p. 109) afirma que o gênero fantástico abandonou a sucessão de acontecimentos surpreendentes, assustadores e emocionantes para adentrar em esferas temáticas mais complexas. Assim, a narrativa fantástica passou a tratar de assuntos inquietantes para o homem atual: angústias existenciais, avanços tecnológicos e desigualdade social. Dessa forma, temos que o gênero fantástico deixa de ser apenas uma narrativa de entretenimento, pois "não cria mundos fabulosos, distintos do nosso e povoados por criaturas imaginárias, mas revela e problematiza a vida e o ambiente que conhecemos do dia a dia" (VOLOBUEF, 2000, p. 110). A partir dessas considerações, é possível afirmar que o gênero fantástico não está estagnado, pois está sempre evoluindo e aproximando-se de temas cada vez mais críticos à sociedade.

O fantástico origina-se da falta de compreensão da realidade apresentada na narrativa. Segundo Volobuef (2000), a princípio, o leitor sente-se desorientado, pois nem sempre há justificativas e/ou explicações para os acontecimentos, e lacunas narrativas são deixadas para serem preenchidas pelo leitor, o que o faz participar ativamente na busca do sentido. "O texto realiza uma espécie de jogo com a verossimilhança." Assim, o fantástico surge diante da incerteza em meio a um ambiente considerado familiar (o cotidiano). Dessa forma, por conter temas críticos e enredos complexos, Volobuef (2000) afirma que o gênero fantástico "ultrapassa as fronteiras da literatura trivial".

Em meados do século XX, surgiu na América Latina uma corrente chamada Realismo Fantástico, Realismo Mágico ou, ainda, Realismo Maravilhoso. Muitos consideram que o Realismo Fantástico é uma resposta da América Latina à Literatura Fantástica europeia. Porém, o modelo fantástico latino-americano apresenta diferenças em relação à corrente fantástica europeia. Irlemar Chiampi, por exemplo, afirma que:

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 23/05/2026** | **aceito: 26/05/2026** | **publicação: 29/05/2026**

O fantástico contenta-se em fabricar hipóteses falsas (o seu "possível" é improvável), em desenhar a arbitrariedade da razão, em sacudir as convenções culturais, mas sem oferecer ao leitor nada além da incerteza. A falácia das probabilidades externas e inadequadas, as explicações impossíveis – tanto no âmbito do mítico – se constroem sobre o artifício lúdico do verossímil textual, cujo projeto é evitar toda asserção, todo significado fixo. (CHIAMPI, 1980, p. 56).

Dessa forma, na narrativa fantástica, alguns elementos fazem parte da normalidade para as personagens, tornando "reais" situações que, diante das leis da natureza, seriam consideradas sobrenaturais.

Ao contrário da "poética da incerteza", calculada para provocar o estranhamento do leitor, o realismo maravilhoso desaloja qualquer efeito emotivo de calafrio, medo ou terror sobre o evento insólito. No seu lugar, coloca o encantamento como um efeito discursivo pertinente à interpretação não antitética dos componentes diegéticos. O insólito, em óptica racional, deixa de ser o "outro lado", o desconhecido, para incorporar-se ao real: a maravilha está na realidade. Os objetos, seres ou eventos que no fantástico exigem a projeção lúdica de suas probabilidades externas e inatingíveis de explicação são, no realismo maravilhoso, destituídos de mistério, não duvidosos quanto ao universo de sentido a que pertencem. Isto é, possuem probabilidade interna e causalidade no próprio âmbito (CHIAMPI, 1980, p. 56).

A época mais efervescente do realismo fantástico foi a dos anos 1960 e 1970, quando a tecnologia e a superstição estavam em grande destaque no imaginário das pessoas em geral. Este estilo também entrou na história por transmitir mensagens contra os regimes ditatoriais que se encontravam em vigor em alguns países.

Os autores mais consagrados no realismo fantástico são Gabriel García Márquez, ganhador do Nobel de Literatura, e Jorge Luis Borges. O Brasil também tem seus autores deste estilo tão particular: Murilo Rubião e José J. Veiga. Para o nosso estudo vamos considerar apenas o brasileiro José J. Veiga.

3. José J. Veiga e o realismo fantástico no conto A máquina extraviada

Escritor brasileiro, nascido em Goiás, Veiga é considerado um dos mais importantes representantes do realismo fantástico brasileiro. Foi locutor por algum tempo na BBC, em Londres, e escreveu vários livros, como Samba de Reis Barbudos, Os pecados da tribo, A máquina extraviada, Os cavalinhos do Platiplanto, entre outros.

O estilo de Veiga é bem peculiar; Rezende (2008) o descreve da seguinte forma:

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 23/05/2026** | **aceito: 26/05/2026** | **publicação: 29/05/2026**

Podemos dizer que Veiga capta fatos da realidade e os transforma em cenas regidas pelo fantástico. A criatividade deste autor, então, pode-se afirmar, está nos fatos que ele consegue distorcer para captar, por meio de uma suprarrealidade (Bessière), a dinâmica do funcionamento da sociedade; e está na grande aceitação de suas obras pelos críticos e pelos leitores (REZENDE, 2008, p. 17-18).

Essa definição traduz bem o conto analisado, pois, em "A máquina extraviada", temos um texto que apresenta, de forma divertida, sérias críticas à nossa sociedade; ou seja, o autor consegue nos mostrar a dinâmica do funcionamento da sociedade em que vivemos.

Os acontecimentos são simples, nada fora da realidade, por exemplo, notamos que o fato de a máquina ter aparecido na cidade, não é algo sobrenatural, pois alguém (só não se sabe quem) poderia ter encomendado a máquina e não ter anunciado ser o dono do grande objeto, ou então, poderia ser fruto de um equívoco de entrega, como o próprio título da narrativa sugere – uma máquina que foi desviada – e, por acaso, acaba sendo deixada em uma cidadezinha do sertão.

O que mais nos importa em relação a essa chegada da máquina são os fatos que se alteram; a máquina ganha o prestígio de todos:

- Das velhinhas beatas,

Até as velhinhas de igreja, que passam de madrugada e de noitinha, tossindo e rezando, viram o rosto para o lado da máquina e fazem uma curvatura discreta; só faltam se benzer.

- Das crianças:

As crianças, que não são de respeitar mistério, como você sabe, trataram de aproveitar a novidade. Sem pedir licença a ninguém (e a quem iam pedir?), retiraram a lona e foram subindo em bando pela máquina acima - até hoje ainda sobem, brincam de esconder entre os cilindros e colunas, embaraçam-se nos dentes das engrenagens e fazem um berreiro dos diabos até que apareça alguém para soltá-las; não adiantam ralhos, castigos, pancadas; as crianças simplesmente se apaixonaram pela tal máquina.

- Até dos homens metidos a valentes:

Homens brutalizados, como aquele Clodoaldo, seu conhecido, que se exhibe derrubando boi pelos chifres no pátio do mercado, tratam a máquina com respeito.

A máquina causa um desconcerto, um estranhamento na população, o que, de certa forma, remete-nos a uma crítica profunda à sociedade materialista, e não apenas ao materialismo, mas também à supervalorização da tecnologia. Aqui, observamos claramente a mudança de foco na criação do fantástico, como nos coloca Volobuef (2000, p. 109), ao afirmar

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 23/05/2026 | aceito: 26/05/2026 | publicação: 29/05/2026

que o gênero fantástico abandonou a sucessão de acontecimentos surpreendentes, assustadores e emocionantes para adentrar esferas temáticas mais complexas. Em "A máquina extraviada", por exemplo, temos uma narrativa fantástica que se volta para uma reflexão a respeito da sociedade, o texto trata de assuntos inquietantes para o homem atual: os avanços tecnológicos, que são representados de forma crítica, pois a máquina que aparece na cidadezinha é enorme, cheia de parafernália, porém a única utilidade que acaba tendo é distrair a população; uma falsa "utilidade", considerando todo o tempo, o esforço e a atenção que a população direciona para com o grande objeto.

Em todas as datas cívicas, a máquina é agora parte importante das festividades. Você se lembra que, antigamente, os feriados eram comemorados no coreto ou no campo de futebol, mas hoje tudo se passa ao pé da máquina. Em tempo de eleição, todos os candidatos querem fazer seus comícios à sombra dela; como isso não é possível, alguém tem de sobrar; nem todos se conformam e sempre surgem conflitos. Felizmente, a máquina ainda não foi danificada nesses espargos, e espero que não seja.

Assim, o fantástico aparece devido à incerteza em meio a um ambiente que era considerado familiar (o cotidiano da cidadezinha), que é alterado com a chegada sem explicação da grande máquina:

Você sempre pergunta pelas novidades daqui deste sertão e, finalmente, posso lhe contar uma novidade importante. Fique, compadre, sabendo que agora temos aqui uma máquina imponente que está entusiasmando todo o mundo. Desde que ela chegou — não me lembro quando, não sou muito bom em lembrar datas — quase não temos falado em outra coisa; e, da maneira como o povo aqui se apaixona até pelos assuntos mais infantis, é de admirar que ninguém tenha brigado ainda por causa dela, a não ser os políticos.

Estamos tão habituados à presença da máquina ali no largo que, se um dia ela desabasse ou se alguém de outra cidade viesse buscá-la, provando com documentos que tinha direito, eu nem sei o que aconteceria, nem quero pensar nisso. Ela é o nosso orgulho, e não pense que exagero. Ainda não sabemos para que ela serve, mas isso já não tem grande importância.

Os trechos anteriores confirmam que a chegada da máquina à cidade foi, inicialmente, motivo de grande curiosidade da população, pois, além de nada saber sobre sua origem, também não se compreendia qual seria sua real função; ou seja, o estranho irrompe no cotidiano daquelas pessoas, mas elas não buscam explicações. Esse estranho passa então a coexistir com os moradores daquela localidade com naturalização. A máquina torna-se parte daquele território, além de se tornar um objeto de contemplação. Nesse sentido, observa-se que, embora haja

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 23/05/2026 | aceito: 26/05/2026 | publicação: 29/05/2026

aceitação dos personagens pelo "incomum", a inquietação e os questionamentos permanecem no leitor. Além disso, o conto em análise traça uma reflexão acerca das tecnologias aceitas sem questionamentos ou que não possuem sentido ou função para determinadas comunidades e que, ainda assim, lhes são impostas. Desse modo, o conto *A máquina extraviada* configura-se como realismo fantástico, pois é construído a partir de fatos reais, sob uma ótica racional, numa reflexão atual sobre a sociedade em que vivemos.

Considerações finais

A partir da análise realizada, observamos que o estilo fantástico de José J. Veiga é marcado por uma narrativa serena, com linguagem simples, que deixa transparecer a questão existencial. O texto analisado é construído com aparente naturalidade, revelando uma forte crítica à sociedade, que, de certa forma, não se questiona sobre tudo o que lhe é imposto.

Considerando a passagem de quando a máquina chega à cidade:

"Como geralmente acontece nessas ocasiões, os homens estavam mal-humorados e não quiseram dar explicações; esbarravam propositalmente nos curiosos, pisavam-lhes os pés e não pediam desculpa; jogavam pontas de cordas sujas de graxa por cima deles; quem não quisesse se sujar ou se machucar, que saísse do caminho."

Observamos que se compararmos essa situação com o fato da chegada de qualquer tipo de tecnologia, notamos que há uma identificação com a nossa realidade, pois não há um direcionamento, a tecnologia é imposta e não nos dá explicações, deixando-nos alheios a sua chegada e se quisermos entender seu funcionamento, deveremos ir em busca de adaptações, atualizações, aperfeiçoamentos, ou seja, somos nós que devemos nos adequar às "máquinas", tornando-nos submissos a elas, porém, nem sempre as compreendemos e às vezes ficamos como os moradores da cidadezinha retratada no conto, buscando utilidade para aquilo que nem sempre tem. O novo sempre desperta curiosidade e, às vezes, se sobrepõe aos laços afetivos, deixando-nos alienados. Os moradores da cidadezinha voltam toda a atenção para uma máquina e não se questionam sobre o fato, apenas aceitam a chegada e a permanência do grande objeto que se incorpora à nova realidade (a máquina no meio da praça).

Com relação à irrupção do fantástico, ou realismo mágico, na obra de Veiga, segundo muitos estudiosos, "é gradual, começando sutil e terminando denso, aproximando-se do absurdo e do grotesco, para realçar reflexões de caráter existencial, sem compromisso com a verdade absoluta." No texto analisado, notamos que, embora a reflexão de caráter social seja marcante,



Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 23/05/2026** | **aceito: 26/05/2026** | **publicação: 29/05/2026**

não há uso do absurdo.

REFERÊNCIAS

CASTEX, Pierre-Georges. **O conto fantástico na França de Nodier à Maupassant**. Paris: Éditions José Corti, 1951.

CHIAMPI, Irleamar. **O Realismo Maravilhoso**. São Paulo, Perspectiva:1980.

REZENDE, Irene Severina. **O fantástico no contexto sociocultural do século XX**: José J. Veiga (Brasil) e Mia Couto (Moçambique). Tese de doutorado. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Letras/FFLCH – USP, 2008.

VEIGA, José J. A máquina extraviada. In.: Moriconi, Ítalo. Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VOLOBUEF, Karin. **Uma Leitura do Fantástico**: A invenção de Morel (A. B. Casares) e O processo (F. Kafka). Revista Letras, Curitiba, n. 53, p. 109–123, jun. 2000.